

Diários de bordo, expedições científicas e narrativas de viagens: observações, descrições e representações do Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)

Maria Fernanda Bicalho

Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1981), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1997) e pós-doutorado pelo Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa (2007). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense e Membro de corpo editorial da Tempo – Revista do Departamento de História da UFF. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: Cidade, Rio de Janeiro, Império português, Colônia.

RESUMO

Este artigo trata das narrativas e relatos de viajantes franceses e ingleses que estiveram no Rio de Janeiro nos séculos XVII e XVIII. Com propósitos comerciais e científicos, a exemplo das viagens de Bougainville e de James Cook, tais viagens constituíram todo um saber empírico acerca dos territórios e da sociedade colonial, a partir de dados observados *in loco*. O contexto da Guerra dos Sete Anos transformaria, contudo, as formas de interação entre os viajantes e as autoridades locais do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Expedições Científicas, narrativas de viagens, Rio de Janeiro

ABSTRACT

This article deals with the narratives and stories of french and english travelers in Rio de Janeiro in the seventeenth and eighteenth centuries. With both scientific and commercial purposes, such as the voyages of Bougainville and James Cook, such trips gave empirical knowledge about the territories, the colonial society, from data observed on site. The context of the Seven Years' War would transform, however, forms of interaction among travelers and local authorities in Rio de Janeiro.

KEY-WORDS: Scientific Expeditions, travel narratives, Rio de Janeiro

A descoberta da América foi um dos feitos mais extraordinários da história ocidental nos primórdios dos tempos modernos, inaugurando um novo tempo e um Novo Mundo. Os historiadores concordam em afirmar que a expansão marítima dos séculos XV e XVI provocou uma verdadeira revolução na posição ocupada pelo homem no Universo, abalando as estruturas, desde a demografia e a civilização material aos modos de sentir e de pensar dos europeus.

Se as narrativas e os primeiros relatos de viagens mostraram-se prenhes de elementos do maravilhoso, dando longevidade aos mitos e às utopias da Idade Média, não deixaram

de representar uma ruptura, fundadora de um novo olhar. Comentando a obra de Jean de Léry, Michel de Certeau afirma que a etnologia inscrita nas crônicas quinhentistas tornou-se uma das formas de exegese que forneceu ao Ocidente moderno os elementos com os quais articularia sua própria identidade, numa relação com o passado e o futuro, com o homem e a natureza.¹ A seu ver, os relatos de viagem “*indicam uma nova relação, escriturária, com o mundo: são o efeito de um saber que ‘pisa’ e percorre ‘ocularmente’ a terra para construir nela a representação. O processo fundamental dos tempos modernos é a conquista do mundo enquanto imagem concebida.*”²

Os navegadores modernos, ao contrário dos eruditos de gabinete, dos cronistas cortesãos ou ainda dos copistas escolásticos, foram acometidos por uma completa *orgia dos sentidos*, construindo pouco a pouco uma visão empirista do mundo. Aqueles aventureiros foram tomados por um progressivo interesse pelo espaço e por sua representação, pela descrição sempre crescente de terras e paisagens, pela comunicação com os nativos, apesar de estabelecida dentro de quadros mentais apriorísticos, o que gerava uma apreensão particular da diferença.³ A escrita tornava-se, lentamente, instrumento de compreensão e representação da realidade. A imprensa multiplicava, pela repetição, o conhecimento e a visão que os viajantes em terras distantes elaboravam do desconhecido, do *outro* e de si próprios.

Em relação ao Rio de Janeiro, os primeiros relatos e descrições da Baía de Guanabara e de sua incipiente ocupação pelos eu-

ropeus são documentos significativos para a compreensão da mentalidade e do empenho colonizador dos portugueses, além de traduzirem uma apreensão específica da experiência e do contato com o novo espaço a ser desbravado e ordenado. Aliada à evocação estética – a beleza da paisagem, a formosura da enseada emoldurada por altas serranias, a amenidade do clima, a riqueza e fertilidade do solo –, refletiam a preocupação com a intervenção estratégico-militar na região. Traduziam o projeto de fortificar o território para a afirmação definitiva da presença portuguesa no centro-sul da América, ponto estratégico de defesa de sua hegemonia sobre mares infestados de piratas e corsários. Esta apreensão constituiu um novo saber colocado a serviço da coroa, de seus projetos ultramarinos e de sua ação colonizadora.⁴

Durante os primeiros tempos da aventura colonial, a região centro-sul da América lusa, entre Espírito Santo e São Vicente, constituía-se numa área privilegiada, embora não exclusiva, de pirataria europeia. Seja através do escambo com populações nativas e do contrabando com os moradores, seja através do apresamento de naus portuguesas e do saque às vilas costeiras, os franceses foram, sem dúvida, os frequentadores mais assíduos daquele litoral. Mas não os únicos. Por volta de 1530, William Hawkins, negociante de Plymouth, navegava entre a América e a África, abrindo caminho a comerciantes britânicos, visando o estabelecimento de um comércio regular. Os relatos das principais expedições marítimas da época, compilados por Richard Hakluyts (1562-1616), levam a supor a existência de

¹ CERTEAU, Michel de. “Etno-Grafia. A Oralidade ou o Espaço do Outro: Léry”. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 222.

² *Idem*, p. 222.

³ PINTO, João Rocha. *A Viagem: Memória e Espaço*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Ed., 1989, p. 28 e segs.

⁴ Cf., entre outros, “Carta do Governador Tomé de Souza ao Rei D. João III, com notícias das Vilas e Povoações que visitara na costa do Brasil, cidade de Salvador, 1 de junho de 1553”. In: SERRÃO, Joaquim V. *O Rio de Janeiro no Século XVI*, vol. II. Lisboa: Ed. da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965, pp. 26-27; “Carta do Padre Manuel da Nóbrega ao Infante D. Henrique de Portugal, São Vicente, 1 de junho de 1560”. In: LEITE, Serafim (S. I.). *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*, vol. III. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1958, p. 245; “Instrumento de Serviços prestados de Mem de Sá”. In: *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 27. Rio de Janeiro: Off. Typ. da Biblioteca Nacional, 1905, p. 136; SALVADOR, Frei Vicente de. “Da entrada dos Franceses no Rio de Janeiro e Guerra que lhes foi fazer o Governador”. In: COELHO, Jacinto do Prado. *O Rio de Janeiro na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. da Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965, p. 31; GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980, p. 91; CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo / Belo Horizonte: Edusp / Itatiaia, 1980.

um comércio ativo, cujas evidências constavam dos registros alfandegários ingleses. A partir de finais do século XVII e durante toda a centúria seguinte, a capitania do Rio de Janeiro foi cada vez mais assediada por navios de diferentes nações. Ou por necessidade, ou maliciosamente com *pretextos afetados*, demandavam a entrada em seus portos, alegando falta de víveres, de saúde ou de condições de prosseguir viagem.

À revelia das proibições metropolitanas acerca do comércio e da presença de estrangeiros nos domínios coloniais, nem o intercâmbio pacífico com a cumplicidade de índios, de colonos e das próprias autoridades coloniais, nem os atos mais hostis de corso e pirataria cessaram nas centúrias seguintes. Prova disso, além da correspondência oficial, são os inúmeros relatos de viagens, roteiros e diários de bordo de navios estrangeiros que passaram pelo Brasil ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, deixando para a posteridade minuciosas descrições de suas costas, cidades, defesas, comércio, administração, sociedade, usos e costumes. Muitos deles foram imediatamente impressos, servindo de guia para futuras expedições. Outros esperaram anos e mesmo séculos pela publicação.

Todo um saber empírico acerca dos territórios e das sociedades coloniais se constituiu a partir de dados observados *in loco* pelas sucessivas viagens. Os navegadores do Velho Mundo instruíam-se uns aos outros, somando e enriquecendo as informações adquiridas, com boa dose de precisão, pela leitura de relatos pretéritos, pelo acréscimo

de novas observações, pelo acúmulo progressivo de dados e descrições, aproveitando a experiência de seus antecessores para dar maior segurança e maior eficácia aos seus próprios intentos. A literatura constituída por diários de bordo e relações de viagens traduzia um conhecimento acumulado e constantemente corrigido de acordo com novas observações e novas descobertas.⁵ Vejamos, então, alguns.

Saída do porto de La Rochelle a 17 de dezembro de 1698, com o objetivo de atingir os domínios espanhóis na América, com os quais pretendia comerciar, a nau capitânia de uma Esquadra francesa comandada por M. de Beauchesne chegou a primeiro de março de 1699 à altura do Rio de Janeiro, quando pediu permissão ao governador para fazer escala na Ilha Grande. Permissão concedida, pela qual Artur de Sá e Meneses seria mais tarde repreendido pelo monarca, os franceses esperaram em vão os demais navios que compunham a Esquadra. Em finais de abril, avaliando o risco de continuar viagem devido ao avançado da estação, resolveram ali permanecer durante todo o inverno. No entanto, a chegada de uma carta do governador ordenando-lhes que partissem imediatamente fizera com que, alguns dias depois – em 4 de maio de 1699 – retomassem sua rota em direção ao Rio da Prata. Na referida carta, Sá e Meneses alegava que sua longa estada naquela ilha causava grande prejuízo aos seus habitantes, obrigando-os a fazer rondas e guardas ininterruptas para impedir o desembarque e a inevitável deserção de soldados e marinheiros.⁶

⁵ Encontram-se nos Archives Nationales de Paris diversos fundos documentais provenientes do Ministério da Guerra e da Marinha (Fonds Marine / Outre Mer) contendo relatos inéditos de viagens feitas quer por particulares, quer sob ordem régia, o que corrobora a hipótese de que grande parte daquelas descrições tenha sido utilizada para projetos oficiais da coroa francesa com fins exploratórios, comerciais e militares. Exemplo disso é a recolha de cópias manuscritas de inúmeros *Extraits de différents voyageurs sur les Côtes de L'Amérique méridionale*, sob a classificação *Observations Scientifiques et Géographiques*, com nota esclarecendo que os extratos reunidos instruíram a confecção, por Jean Nicolas Bellin, de um mapa da América meridional. Bellin escreveu e publicou em 1763 uma *Description géographique de la Guiane. Contenant les possessions et les établissements des François, des Espagnols, des Portugais, des Hollandais dans ces vastes pays. Le climat, les productions de la terre et des animaux, leurs habitants, leurs moeurs, leurs costumes et le commerce qu'on y peut faire. Avec des remarques pour la navigation et des cartes, plans et figures*. O mais interessante de sua obra, e prova de que aqueles relatos tornaram-se documentos preciosos para os projetos comerciais e militares da França em relação aos domínios ultramarinos ibéricos, é a observação escrita na contracapa do livro, sobre sua destinação: "*Dressés au dépôt des cartes et plans de la Marine par ordre de M. le duc de Choiseul*", então Ministro da Guerra e da Marinha francesa. Cf. CARAN : Centre d'Accueil et de Recherche des Archives Nationales de Paris, Marine, 3JJ / 311.

⁶ CARAN, Marine, 4 JJ / 47, nº 3. *Journal de M. de Beauchesne de sa navigation dans la Mer du Sud, de la Rochelle aux Côtes du Brésil, Détroit de Magellan, Côtes du Pérou et du Chili, et retour à la Rochelle - son passage par le Détroit de Magellan, le commerce qu'il fit avec les Espagnols dans cette Mer et son retour. Années 1698 et 1699.*

O diário de bordo de outro navio pertencente à Esquadra de De Beuchesne, o *Postillon*, nos informa que ele se perdera da nau capitânia antes mesmo de atingir o arquipélago de Cabo Verde – onde só chegara em fevereiro de 1699 – tomando em seguida a rota do Brasil. Na altura de Pernambuco tivera problemas, sendo forçado a pedir ajuda. Dali rumou para Cabo Frio, passando ao largo da Baía de Todos os Santos, fazendo observações sobre a latitude, os acidentes geográficos, os ventos e as correntes. Chegou enfim à Ilha Grande – lugar antecipadamente marcado para o encontro das diferentes naus da expedição – onde teve a notícia da passagem não só da capitânia, mas das demais embarcações que compunham a Esquadra. Resolveu continuar viagem à revelia do tempo, zarpando a 7 de julho em direção ao Estreito de Magalhães. No entanto, não conseguindo contornar o Cabo Horne devido à adversidade do clima e das correntes marítimas, retornou, detendo-se por mais um longo período na Baía de Angra dos Reis, de onde somente partiu a 29 de novembro, em direção à la Rochelle.⁷ M. de Beuchesne teve mais sorte do que o comandante do *Postillon*, atingindo o Peru, objetivo comercial da expedição. Em sua viagem de retorno à França, fez mais uma vez escala nos portos portugueses da América, desta vez no Rio de Janeiro, onde permaneceu por dois meses, de 13 de março a 12 de maio de 1701.

A Ilha Grande, assim como Santos e Cabo Frio, eram regiões privilegiadas, quer para a simples arribada em busca de refrescos e mantimentos, quer para o contrabando e o saque. Uma consulta do Conselho Ultramarino de 26 de setembro de 1699 menciona uma das cartas enviadas pelo governador do Rio, quando o navio de De Beuchesne encontrava-se na Baía de Angra dos Reis. Nela Artur de Sá e Meneses informava que, “no tempo em que a fragata francesa tinha

dado fundo fora da barra daquele porto, se esperava um pataxo de Santos, o qual lhe diziam vinha importante em mais de duzentos mil cruzados em ouro e mais fazendas”. Em vista disso tomara a precaução de enviar um barco de aviso a Santos para que o pataxo “se recolhesse em algum porto cômodo, donde podiam desembarcar o precioso que traziam e as mais fazendas que lhes parecesse”. No entanto, antes de receber o referido aviso, o capitão da embarcação proveniente de Santos avistara a fragata francesa. Assustado, escondera-se em pequenas paragens na Baía de Angra dos Reis, remetendo por sua vez aviso ao governador de que a fragata, tendo-o visto, enviava lanchas para abordá-lo. Meneses expedira às pressas “uma pouca de infantaria para defenderem [sic] o pataxo das lanchas e examinar aquele negócio”.⁸

O “demasiado temor” sentido pela tripulação do pataxo português estava longe de ser exemplo único na documentação da época. Em 1710, o governador do Rio de Janeiro recebeu notícias de que um corsário francês navegava pela costa, tendo feito várias presas desde Pernambuco até Santos. Rumara depois para Buenos Aires e, na volta, se recolheu à Ilha Grande, onde tomou um navio negreiro proveniente de Angola. Dali zarpou para o Rio e depois para Cabo Frio, dando caça a uma embarcação vinda da Costa da Mina que, no entanto, lhe escapou. Nesse meio tempo chegaram à Ilha Grande outros corsários franceses provenientes de Saint Malo, “confessando vinham fazer corso nesta costa”, juntando-se ao primeiro, aprisionando sumacas carregadas de farinha e de mantimentos enviados do Porto de Santos. A notícia referia-se ainda a uma carta do Capitão da Vila de Paranaguá afirmando estarem todas as mais vilas e povoações do litoral receosas dos corsários.⁹

Em julho de 1706 iniciava-se a viagem de três navios da *Compagnie Royale des Grandes Indes* com destino aos Mares do

⁷ CARAN, Marine, 4 JJ / 46, nº 3. *Extrait d'un rapport fait par le Cap.ne et le Pilote du Postillon soussigné le 8 mars 1700 à M. de Belile Erard, sur leur voyage au Détroit de Magellan avec deux autres Vaisseaux sous M. de Bauchesne (1698-1700).*

⁸ AHU (Arquivo Histórico Ultramarino), RJ, Documentos Catalogados por Castro e Almeida, doc. 2.238. Consulta do Conselho Ultramarino sobre as instruções que pedira o governador do Rio de Janeiro a respeito do socorro que devia enviar aos navios que navegavam de Santos para o Rio, para os proteger dos piratas. Lisboa, 26 de setembro de 1699.

⁹ AHU, RJ, Avulsos, Caixa 8, doc. 79. Cartas de 29 de março e de 3 de abril de 1710.

Sul (Pacífico). Segundo o diário de bordo redigido por M. De Bois Lorée, na manhã de 8 de outubro as embarcações chegaram à Ilha Grande. Reconheceram-na devido à topografia montanhosa, descrita por cartas náuticas holandesas, utilizadas como guia de orientação da expedição. Um de seus objetivos era corrigir, por meio de observações mais atualizadas, as referidas cartas, acrescentando-lhes novas informações de acidentes geográficos, ventos, horário do nascer do Sol, profundidade do mar e correntes marinhas.

Não me deterei aqui na contribuição do diário de De Bois Lorée à cartografia marítima e terrestre, e sim no testemunho sobre as mudanças ocorridas na região de Angra nos últimos dez anos, desde que a visitara pela primeira vez. O que de imediato lhe pareceu surpreendente foi ter encontrado 15 ou 20 franceses proprietários de casas bem construídas, que se tornaram ricos depois que as minas de ouro começaram a ser exploradas. A região mineradora atraía um grande número de pessoas e muitas desembarcavam em Angra ou Parati antes de subirem a serra. Informaram-lhe ainda que a cidade do Rio de Janeiro tornara-se três vezes mais rica e abundante, e que, após tê-la visitado em 1699, o número de residências havia aumentado em mais de um terço. Contaram-lhe sobre os melhoramentos urbanos que sofrera, entre os quais a canalização da água do Rio Carioca. Soube também que o comércio negreiro nunca fora tão florescente.

Além destas e de outras informações preciosas aos navegadores (seu diário é ilustrado com um belíssimo plano da baía e da vila de Angra dos Reis), De Bois Lorée advertia seus armadores sobre a conveniência de se fazer escala em Angra e sobre a estratégia a ser usada em caso de recusa de hospitalidade. Sob o título *Sur la relâche de l'Île Grande qui vont de France à la Mer du Sud en temps de guerre*, escrevia que aquela região era rica em madeiras e em água,

sendo a pesca abundante. Para intimidar os habitantes bastava ameaçar incendiar seus conventos. Em troca eles ofereceriam aos invasores bois, porcos, galinhas e os frutos da terra, como inhames, laranjas, limões, bananas e figos.¹⁰

O SÉCULO DAS LUZES

Se em inícios do século XVIII, em vez de diminuir, o assédio de naus estrangeiras aumentou nas costas do Brasil, a segunda metade daquela centúria presenciou um novo tipo de *arribada*. Para entendê-la há que se mencionar a chamada *Época das Luzes*, o desenvolvimento da *ciência* e da *razão*, a curiosidade pelos fenômenos da natureza, a consciência planetária e um novo olhar voltado para o *exótico* e o *selvagem*, que aguçou a curiosidade de cientistas e filósofos sobre inúmeras sociedades não europeias, abrindo caminho para o que alguns consideram uma *protoetnologia*.¹¹ A este movimento intelectual, somava-se o interesse na exploração de mares ainda pouco navegados, dando origem às viagens de circunavegação, visando à descoberta e exploração de novos territórios e de novas possibilidades de colonização.

É neste contexto que podemos compreender algumas das mais célebres viagens ao redor do mundo, empreendidas a partir de 1763 por navegadores ingleses e franceses, como Wallis, Carteret, Byron, Cook, Bougainville, La Pérouse, entre outros. As novas regiões percorridas, o encontro e o contato com sociedades desconhecidas redimensionaram a imagem do mundo, substituindo a figura da terra geometricamente ordenada por um mosaico de povos e culturas.

O interesse por expedições exploratórias e viagens de circunavegação mobilizou não somente cientistas e filósofos ilustrados, mas ainda círculos políticos europeus. Até a primeira viagem de Cook (1768-1771), acreditava-se na existência de um continente austral que daria equilíbrio à grande massa de terras setentrionais. Durante

¹⁰ CARAN, Marine, 4 JJ / 47, n° 5. *Journal du Voyage de la Mer du Sud commencé le quatorzième Juillet 1706 sur le Vaisseau La Toison d'Or... de Lorient à l'Île Grande, côte du Brésil, au Détroit de le Maire [sic], à l'Île de la Conception, côte du Chili, à Valparaiso, à Pisco côte du Pérou, à Callao, a [...], à l'Île de Fernando de Norrombo [sic] et retour à Lorient (Ce journal contient des Plans de Baies et Ports ainsi que de quelques îles et beaucoup de vues).*

¹¹ Cf. DUCHET, Michèle. *Anthropologie et Histoire au Siècle des Lumières*. Paris: Albin Michel, 1995, p. 29.

a segunda metade do século XVII e a primeira do XVIII, as explorações dos Mares do Sul (Pacífico) foram feitas um tanto por acaso, ao sabor das travessias de embarcações interessadas em abocanhar parte das riquezas americanas dos domínios ibéricos.¹² Algumas expedições que singraram aqueles mares, como as capitaneadas pelos ingleses Woodes Rogers (1712) e Anson (1748),¹³ basearam-se nos diários de navegação e nas rotas previamente percorridas por flibusteiros e bucaneiros, entre eles Dampier.¹⁴ Rogers comandava uma expedição armada com a finalidade de assaltar os portos espanhóis na costa do Peru e da Nova Espanha, continuando, posteriormente, em direção ao sul, onde, ao passar pela Ilha de Juan Fernandez, recolhera o marinheiro escocês Selkirk, abandonado cinco anos antes por Dampier.¹⁵

A expedição de Anson partilhava do mesmo objetivo: abocanhar as riquezas das colônias espanholas. A perseguição de um galeão abarrotado de metais preciosos transformou-a numa verdadeira aventura de circunavegação, que durou cerca de quatro anos. Em suma, as primeiras viagens mais sistemáticas àqueles mares e regiões, se legaram para a posteridade informações preciosas, embora fragmentárias e imprecisas, não se achavam imbuídas do sentido que passariam a ter na segunda metade dos Setecentos, situando-se antes num contexto de pirataria e de corso, cujo alvo era o desafio ao monopólio espanhol e a rapina de tesouros coloniais.

No entanto, como as posteriores travessias ao redor do mundo, elas foram ampla-

mente documentadas, editadas, traduzidas, reeditadas e compiladas, juntamente com diários inéditos, memórias, correspondência e cópias manuscritas, para comporem obras de recolha e coleções de relatos que, por sua vez, tiveram grande circulação na Europa. Estas coleções possibilitaram a difusão de obras que por razões diversas eram de difícil acesso ao público em geral, algumas muito antigas, cujas edições originais haviam-se esgotado sem serem reeditadas, outras que, escritas no idioma de seus autores, nunca haviam sido traduzidas.¹⁶ Ainda no que diz respeito a obras de difusão de costumes e maneiras de viver de povos *estranhos* ou *selvagens* – tão ao gosto do público da época e, sobretudo, da intelectualidade das *Luzes* – incluíam-se as *Lettres édifiantes et curieuses, écrites des missions étrangères par quelques missionnaires de la Compagnie de Jésus*, publicadas em Paris, de 1702 a 1776, constituindo ao todo 34 volumes. Michèle Duchet comenta a influência que estes relatos tiveram sobre os filósofos da Ilustração, já que muitos deles foram educados em colégios jesuíticos, ouvindo, durante as lições, trechos de cartas que descreviam lugares distantes e culturas *exóticas*.¹⁷

Seja por terem sido exaustivamente traduzidos e editados, seja por constarem de coleções de grande divulgação na época, e, principalmente, por constituírem um *gênero literário* tão caro às exigências do espírito ilustrado, os relatos de viagens conheceram grande publicidade na Europa, fazendo parte da leitura corrente dos contemporâneos, integrando desde o acervo das bibliotecas de grandes filósofos até os arquivos de go-

¹² Cf. LLOYD, Christopher. *James Cook. Relations de Voyages autour du Monde*, vol. I. Paris : Ed. la Découverte, 1991, p. 11.

¹³ Cf. ROGERS, Woodes. *Voyage autour du Monde....* Amsterdam: Vve de P. Marret, 1716. Tradução francesa da edição inglesa de 1712, na qual vem assinalado: "où l'on a joint quelques pièces curieuses touchant la rivière des Amazones et la Guyane"; e ANSON, George. *Voyage autour du Monde....* Amsterdam/Leipzig: Arkstée et Merkus, 1749. Tradução da edição inglesa de 1748.

¹⁴ O relato de viagens de Dampier, publicado originalmente em 1698, teve uma segunda edição entre 1701 e 1705, em 4 volumes, e terceira entre 1711 e 1715, em 5 volumes. Trazia indicações de terras até então pouco exploradas, como a costa ocidental da Patagônia, a Nova Holanda e a Nova Guiné. Cf. DAMPIER, William. *Nouveau Voyage autour du Monde....* Amsterdam: P. Marret, 1698.

¹⁵ A aventura deste marinheiro, narrada por Rogers e pelo segundo comandante de sua Esquadra foi posteriormente explorada por Dafõe, dando origem ao clássico Robison Crusoe, cuja primeira edição é de 1719.

¹⁶ Incontáveis eram as coleções, entre elas a tão celebrada *Collection des Grands et Petits Voyages*, de Théodore de Bry (1590-1634); *Recueil des voyages qui ont servi à l'établissement et aux progrès de la Compagnie des Indes Orientales hollandaises...* (1702-1705, em 5 volumes, sendo que em 1725 saiu uma edição revista e aumentada, composta de 10 volumes); e ainda a recolha feita por Lafitau, *Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais dans le Nouveau Monde*. Paris: Saugrin Père, 1733.

¹⁷ Cf. DUCHET, *op. cit.*, p. 76-78.

vernadores e estrategistas coloniais.¹⁸ Estes últimos, os chamados *administradores-filósofos*, dividiam-se entre o governo das colônias, a redação de memórias com instruções visando sua maior rentabilidade e de verbetes sobre temas e técnicas ultramarinas para a *Encyclopédie*.¹⁹

Embora as mais célebres expedições científicas do século XVIII tenham sido as viagens de circunavegação empreendidas a partir dos anos 1760, estas foram precedidas por várias outras. Uma dessas expedições, comandada por Jean-François de Maupas – cujo diário continua inédito e no qual se lê “*ce mémoire est une instruction pour les navigateurs*”²⁰ – passou pelo Rio de Janeiro em fevereiro de 1751, onde os cientistas Daprès e Lacaille se certificaram, através da observação de um satélite de Júpiter, que a cidade se situava a 45° a ocidente de Paris e a uma latitude de 22° 53’ 40” Sul. O diário contém ainda observações feitas sobre a inclinação da agulha imantada ao longo da travessia do Atlântico, desde o Rio de Janeiro até o Cabo da Boa Esperança. Além das informações náuticas e astronômicas, uma série de outros pormenores sobre a cidade foram igualmente registrados.

Sob os títulos *Reconnaissance de l'Entrée de Riojaneiro, Remarque particulière, e Situation de Riojaneiro*, foram descritas com grande detalhamento as ilhas de fora e de dentro da baía, a profundidade do mar, os ventos e as correntes, a melhor forma de ultrapassar os acidentes naturais, os ancoradouros e as fortalezas da cidade. A *Description de Riojaneiro* contém observações sobre seu

governo e produção, o número de seus habitantes (calculado em 50 mil) e a notícia de que durante aquela estadia encontraram-se com M. Godin, astrônomo da Académie Royale des Sciences, enviado ao Peru em 1735 na expedição de La Condamine para medir o grau do Meridiano.²¹ Godin atravessou de Lima a Buenos Aires por terra sob os auspícios do vice-rei do Peru. Ali embarcou em um navio português que, com destino a Lisboa, fez escala no Porto do Rio, onde se encontrava desde novembro de 1750.

O diário de viagem de uma embarcação francesa que fazia parte de uma Esquadra real com destino às Índias Orientais, merece aqui menção por sua riqueza e curiosidade. Em 1748, no dia 23 de junho, chegava à entrada da barra do Rio o navio *l'Arc-en-Ciel*, capitaneado por M. Pepin de Bellisle. Antes de entrar na baía, o comandante enviara alguns oficiais à cidade para informar ao governador, que então era Gomes Freire de Andrade, da sua chegada, e providenciar quanto às salvas protocolares exigidas pelos regimentos portugueses e costumes do país. Ao desembarcarem, uma multidão prodigiosa os cercou, contando inclusive com muitos mulatos e negros. Vinham acompanhados do major-capitão da Fortaleza de Santa Cruz, que os afastou, livrando os visitantes daquela “*populace curieuse*”. Gomes Freire voltava da missa na Igreja do Carmo, vinha a pé, sob um parassol carregado por dois negros, precedido de cerca de 40 oficiais. Os franceses, apresentados ao governador pelo major, foram convidados a seguirem-no até o palácio, perdendo-o de

¹⁸ É ainda Duchet que analisa o papel da literatura de viagens na formação do espírito filosófico da época através do lugar preeminente que a edição dos respectivos relatos ocuparam nas bibliotecas privadas de alguns deles, como a de Voltaire, Turgot, De Brosses e do Barão de Holbach. A partir do inventário da biblioteca de Voltaire, conclui que de um total de 3.867 títulos, 133 eram relativos à literatura de viagens: 19 recolhas, coleções ou histórias gerais, sete viagens ao redor do mundo (Anson, Banks e Solander, Bougainville, Dampier, Hawkesworth, La Barbinais, Woodes Rogers), dois livros sobre as Terras Austrais, 26 sobre as Índias Ocidentais, quatro somente sobre a África, um sobre as Molucas, oito sobre as regiões do Norte, 70 relativos às Índias Orientais – dos quais 16 sobre a China –, além de um grande número de livros sobre geografia. Isso explica em parte a facilidade com que personagens como *Cândido* navegaram, num espaço dilatado, aos confins do mundo conhecido. Cf. DUCHET, *idem*, p. 68-71.

¹⁹ Um dos exemplos é Poivre, engenheiro-chefe em Granada e colaborador da Enciclopédia nos verbetes sobre o açúcar, a história natural americana, a *teologia caraíba*, as técnicas usadas para espremer o sumo da mandioca, e os negros “*considerés comme esclaves*”. Cf. DUCHET, *id. ibidem*, p. 125-126.

²⁰ Cf. CARAN, *Marine*, 3JJ/311, n° 8: “*Description de la Côte du Bresil, et particulièrement des atterages, entrée, reconnaissance et mouillage des Caps Frio et Riojaneiro, par Jean-François Denis (...) de Maupas.*”

²¹ Cf. LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Journal du voyage fait par ordre du Roi à l'Equateur, servant d'introduction historique à la Mesure des trois premiers degrés du Méridien...* Paris: Imprimerie Royale, 1751. Para uma análise mais detalhada do conteúdo da expedição e das aventuras vividas por seus integrantes consultar PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*. London and New York: Routledge, 1992, p. 16-24.

vista logo na primeira sala, repleta de oficiais em maior número do que na praça. Fizeram-nos passar a uma segunda sala, seguidos dos principais da terra.²²

Ali esperaram pela audiência do governador, quando então lhe explicaram a razão que os havia levado a buscar aquele porto, por terem muitos doentes a bordo. Gomes Freire facultou-lhes a hospitalidade solicitada. Um hospital foi improvisado em casas térreas, com vista para o mar, numa enseada diante do ancoradouro do navio, sob a sombra de limoeiros e laranjeiras que exalavam um agradável perfume. M. de Bellisle alugou outra casa, numa pequena colina próxima ao hospital, e voltou várias vezes ao palácio. A primeira visita retribuída por Gomes Freire é magnificamente relatada. O governador chegou num cavalo “gris-pommelé” belíssimo e cujos arreios eram totalmente de ouro e brocados. De ouro eram ainda suas pistolas, sua espada, as esporas e o cabo de seu rebenque. Usava um traje escarlate igualmente bordado a ouro. Apeou defronte da residência de M. de Bellisle seguido de um grande número de oficiais. Optou por ser recebido na varanda que desfrutava de uma bela vista sobre a baía. Como a varanda era pequena, não foi possível abrigar os nobres de sua comitiva, o que fez com que o capitão francês os convidasse a entrar, oferecendo-lhes refrescos.

Alguns dias mais tarde os franceses foram convidados a assistir um espetáculo de teatro, que consistia numa peça encenada por marionetes de tamanho natural e cujo tema era a conversão de alguns doutos pagãos por Santa Catarina. No interior do teatro os homens sentavam-se em bancos com espaldares e braços como os das igrejas, enquanto as mulheres escondiam-se nos camarotes. A orquestra compunha-se de instrumentos de corda e um inglês tocava divinamente uma flauta transversa. Dias

mais tarde Gomes Freire e algumas das principais pessoas da cidade foram homenageadas com um jantar a bordo do navio francês, onde brindaram à saúde dos respectivos monarcas e de ambas as famílias reais ao som de salvas dos canhões, retribuídas pela Fortaleza da Ilha das Cobras.

A segunda parte do relato, intitula-se *État de Riojenaire en l'année 1748, avec un légèrè description du Lieu*. Fornece uma minuciosa descrição de suas fortalezas e artilharia, da geografia da cidade e da região circunvizinha, detalhes da Marinha, das muralhas, dos fossos e das ruas, observações sobre os mosteiros e conventos, instituições civis e eclesiásticas, a produção, o comércio e seus habitantes.

Ao fim de dez ou 12 dias de permanência na cidade, grande parte dos doentes havia convalescido, o navio foi consertado e começaram os preparativos para supri-lo de mantimentos. Os franceses foram à fazenda dos jesuítas comprar bois de seu rebanho, antes de seguir viagem. No dia 9 de maio deixaram o hospital, fizeram uma última visita de cortesia ao governador e, no dia seguinte, saíram ao raiar do Sol.

EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS: BOUGAINVILLE

Nos anos posteriores à Guerra dos Sete Anos (1756-1763), Grã-Bretanha e França, movidas pelo espírito ilustrado e por uma política ultramarina calcada em renovadas estratégias coloniais, se lançaram na dianteira das viagens de exploração e circunavegação, realizando as mais célebres expedições científicas do século XVIII. Nelas não é possível dissociar as motivações filosóficas dos intuítos políticos. O exemplo de Bougainville é paradigmático. Guiado, segundo Diderot, pela filosofia, pela verdade, pelo desejo de ver, de se instruir, pela ciência do Cálculo, da Geometria, da Astronomia e da

²² Este relato se encontra reproduzido em várias publicações. O original francês, *Extrait d'un Journal de la Campagne des Vaisseaux du Roi aux Indes Orientales en l'année 1748. Relâche du Vaisseau Arc-en-Ciel à Riojenaire, Côte du Brésil*, consta do acervo do CARAN, Marine B4/62, fl. 281-301. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volume 280, de junho/setembro de 1968, publicou uma tradução do original em português, prefaciada por Gilberto Ferrez. Existe ainda na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, sob a classificação 54-XIII-4 (19), uma cópia manuscrita, resumida e um pouco modificada, sob o título *Relâche de l'Arc-en-Ciel à Rio Janeiro, 1748*, que, por sua vez, foi traduzida para o inglês e publicada em *The Hispanic American Review*, vol. 21, agosto de 1941, p. 425-435.

História Natural, Bougainville era, além de *filósofo* no sentido mais caro aos enciclopedistas, homem de seu tempo: militar, diplomata, empreendedor, amante do mar e dos negócios. Tantas qualidades o habilitavam a se engajar numa empresa ao mesmo tempo exploratória e colonialista.²³

Em 1754, aos 22 anos, Bougainville publicou o *Traitée de calcul intégral pour servir de suite à l'analyse des infiniment petits de M. le Marquis de l'Hôpital*. Em 1756 foi enviado ao Canadá para reforçar as tropas francesas em guerra contra os ingleses. Instruído por Choiseul, Ministro da Marinha de Luís XV, recolheu informações, tomou notas e redigiu memórias, denunciando desvios e incongruências, propondo reformas, projetando um estabelecimento na Baía de Hudson e uma expedição ao Polo Norte. Partidário de uma política de expansão colonial, continuaria empenhado – mesmo depois da perda do Canadá, e com o aval do governo francês – em projetos cuja finalidade consistia em assegurar à França, pela ocupação ou pela descoberta de terras inexploradas, a supremacia marítima perdida para a Grã-Bretanha no decorrer da Guerra dos Sete Anos.²⁴

Para convencer Choiseul do projeto de uma viagem ao redor do mundo, Bougainville utilizou argumentos incontestáveis. Referiu-se à necessidade de revitalizar a força naval e comercial da França e de alargar seu Império Ultramarino. A descoberta de novas terras nos Mares do Sul permitiria reerguer as finanças da coroa e os capitais de seus súditos. Em contrapartida afirmava possuírem aqueles mares povoados de ilhas, tudo o que Sua Majestade Cristianíssima havia perdido com a tomada de seus antigos territórios pelos ingleses: café, açúcar, cacau, índigo, cochonilha, algodão, âmbar, nácar, pérolas finas, especiarias, ouro, prata, pedras preciosas, e ainda todas as espécimes interessantes à história natural, com as quais as pesquisas dos estudiosos incentivariam o desenvolvimento do comércio na Europa.²⁵

As instruções assinadas por Luís XV a 26

de outubro de 1766, para a tão desejada expedição de Bougainville determinavam que após devolver as Ilhas Malvinas aos espanhóis, deveria empreender viagem de reconhecimento do Oceano Pacífico e das terras existentes entre as Índias Orientais e a costa da América, entre elas a Nova Holanda e a Nova Guiné. Deveria examinar também as plantas e as principais produções daqueles territórios, fazer esboços e desenhos daquilo que julgasse merecer atenção, registrando, tanto quanto possível, todas as baías e portos que pudessem servir de escala e ancoradouro às embarcações e tudo o mais que pudesse interessar à navegação.²⁶

A tripulação dos dois navios da expedição, *la Boudeuse* e *l'Etoile*, além dos respectivos capitães, Duclos-Guyot e La Giraudais, era constituída por dois escrivães, dois cirurgiões, um jovem rico e amante de aventuras, Príncipe de Nassau, um engenheiro cartógrafo, Romainville, um naturalista discípulo de Buffon, Philibert Commerson, e um astrônomo, Véron. Na relação que fez da viagem (que duraria de 1766 a 1769) encontram-se descrições da natureza e dos povos visitados, observações de caráter estratégico, militar e econômico, assim como vários princípios norteadores da política colonial.

No que concerne ao Rio de Janeiro, durante a permanência em seu porto, de 21 de junho a 15 de julho de 1767, Bougainville foi pródigo em anotar informações preciosas sobre questões relativas à defesa, administração e comércio. Ao entrar na Baía de Guanabara, encontrou o navio do Rei de França, *l'Etoile du Matin* que, com destino às Índias Orientais, esperava o retorno da estação mais apropriada para dobrar o Cabo da Boa Esperança. Encontrou ainda uma embarcação espanhola parada há oito meses num dos ancoradouros da cidade, à espera de reparos sempre retardados pelas autoridades portuguesas. Proveniente do Rio da Prata, trazendo couros e *piastras*, sofrera grandes danos devido a um vendaval que a surpreendera em alto mar. Alguns dias depois, em

²³ Cf. CONSTANT, Louis, « Introdução ». In : *Louis-Antoine de Bougainville. Voyage autour du Monde par la Frégate la Boudeuse et la Flûte L'Étoile*. Paris : Éditions La Découverte, 1992, p. I.

²⁴ *Idem*, p. I-VI ; DUCHET, *op. cit.*, p. 126-127.

²⁵ CONSTANT, *op. cit.*, p. VII.

²⁶ *Idem*, p. IX.

23 de junho, entraram na barra dois navios ingleses que navegavam em direção a Bengala e, posteriormente, à China.²⁷

Bougainville teve mais sorte, recebendo prontamente os socorros de que necessitava, sendo bem acolhido pelo Conde da Cunha, então vice-rei do Estado do Brasil, que lhe permitiu adquirir de um dos negociantes da praça uma corveta para a continuação de sua viagem. Ele e seus oficiais foram convidados a participar de um jantar à beira-mar oferecido pelo vice-rei e a assistir na Ópera algumas obras de Metastasio representadas por uma *"troupe de mulâtres"*. Mais tarde escreveria que, apesar da beleza do teatro, haviam sido obrigados a ouvir peças divinas de um dos grandes compositores italianos, executadas por uma orquestra medíocre, regida por um padre que portava seu hábito de eclesiástico.²⁸

Subitamente o bom acolhimento e todas as gentilezas dispensadas pelo vice-rei foram interrompidas, no momento em que uma embarcação portuguesa proveniente do sul chegou com novas de que o Coronel José Custódio de Sá e Faria havia atacado forças espanholas no Rio Grande. De fato, em maio de 1767, o referido coronel comandara tropas portuguesas sediadas na península da Lagoa dos Patos num súbito assalto à Vila do Rio Grande, que havia sido tomada pelo governador de Buenos Aires. No entanto, o mau tempo e as condições adversas de navegação frustraram a investida, ilhando os portugueses, dando oportunidade a que os inimigos se preparassem para a defesa de seus postos e conservação da vila. Essa situação de tensão e as notícias do apresamento de uma nau castelhana no Porto de Santa Catarina colocaram o Conde da Cunha em estado de alerta. Isso explica, em parte, a longa espera do socorro, sem-

pre adiado, pela embarcação proveniente do Prata, e as suspeitas de Bougainville de que a inexplicável mudança de atitude do vice-rei se devesse ao fato de os franceses terem enviado seus carpinteiros em auxílio do navio espanhol detido no Porto do Rio de Janeiro.

Com a chegada daquelas notícias – e naturalmente desconfiado dos súditos do Rei Cristianíssimo, tradicionalmente aliados aos castelhanos – o Conde da Cunha voltou atrás nas promessas que havia feito, impedindo que o negociante-proprietário da corveta vendida aos franceses concluísse a transação, sob a alegação de que necessitava de todas as embarcações disponíveis no porto para enviá-las ao sul. Suspendeu ainda a compra, pelos franceses, de madeiras do canteiro da Fazenda Real, o que os levou a conseguí-las em negociações com o comandante do navio espanhol e em contrabando com os moradores da cidade. Em seguida, proibiu que Bougainville e seus oficiais se alojassem em casas nos arredores da cidade, as mesmas que haviam sido alugadas dois anos antes ao comandante inglês John Byron.²⁹ O Conde proibiu ainda, seguindo determinações estritas de Lisboa, que os estrangeiros permanecessem em terra firme após a Ave-Maria, ou seja, depois das 6 horas da tarde. Só restou a Bougainville e a seus companheiros lamentarem que as novas ordens impedissem que M. Verou fizesse suas observações astronômicas e que M. de Commerson, célebre naturalista francês, andasse pelas redondezas recolhendo amostras de vegetação.

Nos dias que se seguiram, o vice-rei reforçou as patrulhas da cidade, ordenando aos soldados que prendessem todos os estrangeiros encontrados pelas ruas após o pôr do Sol. Ao comandante do pequeno navio francês que esperava melhor estação

²⁷ Caran, Marine, 4JJ/144 K (Fonds Marine / Expéditions Scientifiques et Géographiques), Carton 123, nº 1. *Journal de la Frégate la Boudeuse, commandée par Mr. de Bougainville.*

²⁸ CONSTANT, *op. cit.*, p. 44.

²⁹ A fonte manuscrita encontrada nos fundos Marine / Expéditions Scientifiques et Géographiques, dos Archives Nationales de Paris (CARAN, Marine, 4JJ/144 K, Carton 123, nº 1) nos dá maiores detalhes sobre a tentativa de aluguel de uma casa por parte de Bougainville. Segundo ela, *"Dona Antonia de Viana, femme de qualité de ce pays, m'a offert une maison de campagne à la porte de la ville [...] au dessus d'un petit hameau nommé Volonge [sic, Valongo]. J'ai fait demander [...] au Vice Roi la permission de l'occuper. Je ne pensait pas ma demande indiscrète, puisque le Commodore Byron dans son passage ici en allant faire le tour du monde avait occupé cette maison. Le Vice Roi a refusé la permission sur ce que je lui ai dit qu'il ne nous traitait pas en ami.[...]. Il s'est emporté comme un furieux et comme un sot."*

para seguir viagem, ordenou que fosse ancorar sob as baterias do Forte de Villegagnon. Segundo Bougainville, dois oficiais portugueses que ousaram interceder a seu favor diante do vice-rei foram presos e postos em grilhões, sendo um deles degredado para uma pequena vila no sul, não muito distante de Santa Catarina.

Em relação à cidade propriamente dita, as observações de seu diário são entusiásticas. Afirmava que tantos outros viajantes haviam escrito sobre o Brasil e sua capital, que ele próprio não se deteria a descrevê-la, uma vez que tudo o que pudesse dizer não passaria de uma repetição enfadonha. E nisso não exagerava. Inúmeras haviam sido as informações e relatos de viajantes, tanto franceses, quanto de outras origens, sobre o Brasil e, especificamente, o Rio de Janeiro. Caberia enfatizar, no entanto, a contribuição específica do diário de Bougainville ao enriquecimento e à consolidação deste conhecimento. Além da minuciosa descrição da dinâmica da economia colonial, quer em termos do comércio com Portugal, quer ligada à atividade mineradora, Bougainville forneceu dados precisos sobre os contratos e as rendas da Fazenda Real, os mecanismos fiscais utilizados nas Minas, as entradas e registros nos caminhos que levavam à região aurífera, o funcionamento das casas de fundição, a cunhagem de moedas, as formas de exploração dos diamantes, o funcionamento da alfândega do Rio de Janeiro, a venda de negros, o “*don gratuit*” (subsídio voluntário),

além dos direitos sobre a comercialização de produtos sob o estanco da Coroa.

Dos manuscritos encontrados nos Archives Nationales de Paris³⁰ constam ainda, além de uma *Description de RioJanairo*, mais pormenorizada na avaliação das fortalezas, uma memória sobre o *Etat Militaire*, com a composição dos regimentos de Infantaria, Tropas Auxiliares, Ordenanças, Companhias de Nobres e Privilegiados e Cavalaria, incluindo o número de soldados lotados nos fortes litorâneos e nos diferentes registros do sertão.³¹ E, por último, um *Plan d'attaque de Rio Janeiro*, no qual Bougainville estimou a força necessária para conquistar a cidade com base numa comparação com o bem sucedido ataque perpetrado em 1711 por Duguay-Troin, corsário francês a serviço de Luís XIV, durante a Guerra de Sucessão da Espanha.³²

JAMES COOK E JOSEPH BANKS

Precedendo em alguns anos os franceses, também os súditos de Sua Majestade britânica se lançaram às viagens científicas de circunavegação. As mais célebres foram as expedições comandadas por John Byron (1764-1766)³³, Samuel Wallis (1766-68) e James Cook, tendo este último realizado três expedições entre 1768 e 1779. É sobretudo a primeira, que fez escala no Rio de Janeiro, que nos interessa aqui.

No início do século XVIII, o astrônomo Halley escreveu sobre a possibilidade de determinar a distância entre a Terra e o

³⁰ É preciso esclarecer que o diário de Bougainville se encontra copiado ou transcrito em vários fundos documentais existentes nos Archives Nationales de Paris. Em geral a base é a mesma, embora as versões possam apresentar pequenas diferenças entre si. Mais precisamente encontramos partes transcritas e partes omitidas, conforme o fundo, ou mais especificamente conforme a sua classificação e objetivo: se para informações científicas ou militares. Não possuo meios de afirmar se algumas das informações contidas nestas fontes manuscritas são inéditas, na medida em que não fiz um cotejamento com todas as edições publicadas do mesmo diário.

³¹ CARAN, Marine, 3 JJ / 311, nº 9.

³² Sobre as invasões francesas de 1710 e 1711, cf. BICALHO, Maria Fernanda. *A Cidade e o Império*. O Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 257-298.

³³ John Byron esteve no Rio de Janeiro entre 13 de setembro e 20 de outubro de 1764. As informações de seu diário, publicado em 1767, sobre as débeis defesas da cidade alarmaram o governo português, insuflando o medo e a desconfiança dos ministros lisboetas em relação a uma possível intenção britânica de invadir a colônia portuguesa. O mesmo diário seria utilizado por Cook, uma vez que Byron afirmava não possuir outro objetivo do que instruir futuros navegadores. No Rio, Byron foi recebido pelo Conde da Cunha com toda a pompa e circunstância, no melhor estilo do governo anterior, de Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela. Teve direito a salvas de canhões, ao cortejo de mais de 60 oficiais armados. O vice-rei, acompanhado da primeira nobreza da terra, deslocou-se até o topo da escada do palácio para dar-lhe as boas-vindas. Enquanto suas naus eram consertadas e os doentes tratados, alugou uma casa na enseada do Valongo. Cf. *Relation des Voyages entrepris par ordre de Sa Majesté Britannique [...] pour faire des Découvertes dans l'Hémisphère Méridional [...], redigée d'après les Journaux tenus par les différents Commandants [...] par J. Hawkesworth....* (Traduit de l'Anglois), Tomo I. Paris : Chez Saillant et Nyon / Panckoucke, 1774.

Sol por meio da observação da passagem de Vênus sobre seu disco, prevista para o ano de 1769. Esta seria a missão oficial da primeira expedição de Cook, somada à exploração de ilhas recém-visitadas pelas expedições anteriores e à presumível descoberta de Terras Austrais.³⁴

James Cook, filho de camponeses, empregara-se ainda muito jovem num canteiro de construção naval em Whitby, participando de pequenas viagens nas quais aprendera a arte de navegar, ingressando posteriormente na Marinha britânica, onde fez carreira durante a Guerra dos Sete Anos. Escolhido pela Sociedade Real e pelo Almirantado britânico para capitanear o *Endeavour* naquela primeira missão científica, sua tripulação, além dos 94 homens de mar, incluía um amante da ciência e principal financiador da expedição, Joseph Banks³⁵, um botânico, Dr. Solander, discípulo de Lineu, um desenhista, Parkinson, um pintor paisagista, Bucham, e um astrônomo, Charles Green. Cook e seus companheiros chegaram ao Rio de Janeiro a 14 de novembro de 1768. Era então vice-rei o Conde de Azambuja e vivia-se o clima de uma intensa desconfiança em relação à Inglaterra.³⁶ Em carta a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Secretário dos Negócios Ultramarinos portugueses, o vice-rei noticiava a chegada do *Endeavour*. Estranhava que sua tripulação não fosse composta prioritariamente de oficiais militares, ao contrário da maioria dos navios ingleses que demandavam hospitalidade no Porto do Rio de Janeiro. Azambuja soube ser nada amigável com

os visitantes ingleses. Seguiu à risca as determinações de praxe, mandando vigiar, dia e noite, a embarcação, não permitindo que pessoa alguma subisse a bordo sem licença expressa, impedindo que qualquer inglês desembarcasse sem a escolta de uma sentinela. Encarregara o Brigadeiro Antônio Carlos, oficial português de sua confiança e “*verdadeiro fidalgo*”, de acompanhar o capitão do navio, pois toda vez que esta função recaía em soldados menos qualificados, se havia “*experimentado menos exação*”. Embora suspeitasse de que os ingleses poderiam ter como objetivo o contrabando, afirmava não lhe constar que o tivessem conseguido.³⁷

Não houve desta vez, como em outras arribadas anteriores, cerimoniais de boas-vindas, visitas de cortesia, jantares a bordo, conferências no Palácio, sessões de ópera e saraus recheados por conversações amenas e ilustradas. Por todo o tempo em que estiveram atracados no porto só restou aos ingleses contemplar, da gávea de sua nau, as sucessivas rondas que se revezavam em terra firme, a fim de impedir qualquer comunicação entre os estrangeiros e os naturais do país.

Estupefato diante de tal recepção, alegando em vão a longa e duradoura aliança e amizade que sempre ligou os interesses de Suas Majestades britânica e Fidelíssima, Cook tentava persuadir o vice-rei de que, em vez do comércio, o que os levava ali eram razões científicas, interessados que estavam em observar a passagem de Vênus pelo disco do Sol, fenômeno astronômico utilís-

³⁴ Sobre a experiência de Cook no Tahiti, além dos diversos relatos de suas viagens, cf. SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

³⁵ Banks, sem dúvida a figura mais curiosa desta e das demais expedições científicas, era proprietário de uma fortuna considerável no Condado de Lincoln. Estudara na Universidade de Oxford, onde recebera a educação de um homem de letras, própria do *Século das Luzes*. Antes de embarcar no *Endeavour*, já havia participado de outras viagens pelo Atlântico, visitando as costas da Terra-Nova e do Labrador. O relato corrente da primeira expedição de Cook, tem a coautoria de Banks. As observações anotadas pelo primeiro são prioritariamente de caráter técnico e náutico, demonstrando seu perfil de oficial da Marinha e navegador. Os comentários de Banks incidem sobre uma grande quantidade de fatos e matérias que Cook ignorou, como a descrição das terras visitadas e de suas produções, os costumes, a religião, os hábitos e a linguagem dos povos, além do estudo e da classificação de espécimes vegetais. Cf. HAWKESWORTH, *op. cit.*, Tomo II, p. 207-214. Segundo Michèle Duchet, o diário pessoal de Cook só foi editado pela primeira vez em 1893 e a edição completa de seus manuscritos data de 1931. Paradoxalmente, uma relação abreviada das viagens de Cook, empreendidas entre 1768 e 1771, chegou a público no mesmo ano em que o próprio Cook chegava à Inglaterra (1771). Alguns atribuem este relato a Banks. As citações feitas aqui acerca da escala do *Endeavour* no Rio de Janeiro baseiam-se na tradução francesa da obra de Hawkesworth, comparada com a edição contemporânea: *The Endeavour Journal of Joseph Banks, 1768-1771*, editada por J. C. Beaglehole, vol. II, Cambridge, Published for the Hakluyt Society at the University Press, 1955.

³⁶ Cf. BICALHO, *op. cit.*, pp. 85-91.

³⁷ AHU, RJ, Avulsos, Cx. 93, doc. 46. Carta do Conde de Azambuja a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, de 28 de novembro de 1768.

simo à navegação. Mas não houve meios de convencê-lo, ou mesmo de fazê-lo entender a importância daquela missão. Indiferente aos argumentos da ciência, Azambuja agia apenas em consonância com as razões políticas e militares das deliberações que recebera nos últimos tempos de Lisboa, impedindo terminantemente que os naturalistas descessem em terra e pudessem realizar suas pesquisas em liberdade. Decepcionado diante de tal intransigência, Cook resolveu ser antes prisioneiro de seu próprio navio, do que aceitar a “honra” que o vice-rei afirmava querer fazer-lhe destacando uma escolta para acompanhá-lo todas as vezes que fosse à cidade.³⁸

A situação se reverteu, no entanto, no dia 25 de novembro, quando um monge fora autorizado a pedir ao cirurgião dos ingleses que o ajudasse a tratar de um doente grave, morador de uma das freguesias do Rio. Nesta qualidade o Dr. Solander desceu em terra, recebendo muitas provas de amizade e gentileza dos moradores. No dia seguinte, Solander, Banks e um de seus auxiliares conseguiram burlar a vigilância das sentinelas, desembarcando à primeira luz da aurora, evitando, no entanto, o centro urbano, preferindo fazer pesquisas botânicas nos arredores. Mais tarde afirmariam ter sido muito bem recebidos pelos moradores, sendo convidados às suas casas, chegando mesmo a comprar dois pequenos animais e uma grande variedade de legumes. Não demorou muito para que o boato de que os ingleses andavam livremente por aqueles arredores ganhasse os ouvidos do vice-rei, fazendo-o redobrar de tal modo a vigilância sobre o navio, que os naturalistas desistiram definitivamente de suas escapadelas.

Somente após terem saído da barra, já em mar aberto e fora da mira dos canhões das fortalezas que guarneciam a cidade, as pesquisas foram retomadas, recolhendo Banks uma grande variedade de espécies vegetais, sobretudo nas ilhas ao sul. Apesar de todas as dificuldades que enfrentaram, o diário de Cook e as anotações de Banks são documentos ricos na descrição da ci-

dade e dos costumes de seus habitantes. Em relação à primeira – e contradizendo a ideia mais difundida acerca do urbanismo colonial português – consideraram-na bem construída, seu plano bem desenhado, suas ruas retilíneas e largas, cortadas por ângulos retos, parecendo-lhes mais extensa que algumas das maiores cidades inglesas, como Bristol e Liverpool. Seus prédios eram, em sua grande maioria, construídos de pedras e, à moda de Portugal, possuíam pequenos balcões nas janelas, que por sua vez eram fechadas por gelosias. As igrejas eram imponentes e, a seus olhos, o aparato religioso no Rio era o mais ostensivo de todos os demais países católicos da Europa.

Quanto às defesas, citavam pormenores detalhados das fortalezas, de suas guarnições, das tropas, regimentos e milícias, demonstrando que, mesmo proibidos de descer em terra, seu ponto de observação, ou sua fonte de informação, em nada deixaram a desejar e muito iriam enriquecer, quando retornassem à Inglaterra, o precioso arquivo do Almirantado britânico.³⁹

CONCLUSÃO

Em conclusão, podemos afirmar que tanto o diário de Cook, quanto o de Bougainville demonstram que a liberalidade com que os navios estrangeiros e seus comandantes eram recebidos no Rio de Janeiro nos primeiros tempos do Governo de Bobadela foi bastante restringida durante a Guerra dos Sete Anos, sendo quase que inteiramente suprimida a partir da segunda metade da década de 1760. Com a transferência da sede do vice-reinado de Salvador para o Rio (1763) – o que coincidiu não por acaso com o fim da guerra e com a crescente ameaça representada pelas Esquadras das monarquias rivais – recrudesceram as instruções metropolitanas acerca daquelas escalas. Obedientes às razões da coroa, os vice-reis procuravam, tanto quanto possível, segui-las à risca. Assim como a década de 1760 representou um período de maior prudência e cautela para a políti-

³⁸ HAWKESWORTH, *op. cit.*, Tomo II, p. 239.

³⁹ *Idem*, p. 248-251.

ca portuguesa em relação à defesa de sua capital ultramarina – reforçada pela reformulação e incremento de suas tropas e guarnições, pelo envio de renomados oficiais e engenheiros militares e pelo aprimoramento e reconstrução de suas defesas e fortalezas – assim também multiplicaram-se os ofícios dirigidos aos seus governantes acerca do extremo rigor com que deveriam ser tratadas as tripulações dos navios estrangeiros, sempre suspeitos de espionagem ou de contrabando, quando não de ambos.

Será, no entanto, nas duas últimas décadas do século XVIII, que os domínios de

Portugal, sobretudo o Brasil, se verão ameaçados por um outro perigo, muito mais nefasto: a combinação entre o incontrolável contrabando, principalmente com navios ingleses, contando com a cumplicidade dos vassallos portugueses, e o medo de contaminação das *abomináveis e subversivas ideias* difundidas, sobretudo, após a Revolução Francesa. Os governantes ultramarinos teriam que lidar com as ameaças de insurreição e de rompimento dos laços que até então ligaram os naturais da América e seu legítimo Senhor, o rei de Portugal. Mas isso já é uma outra história.